

MARIA CARMINA DE VASCONCELOS MONIZ (1890-1990) – ENTREVISTA AO FILHO, LEOPOLDO MONIZ, COM O OBJECTIVO DE TRAÇAR O PERFIL DOS PIANISTAS GRACIOSENSES EM ACTIVIDADE DURANTE A I REPÚBLICA.

Vamos focar neste primeiro ponto aspectos da infância de Maria Carmina como a sua formação académica e musical e conhecer igualmente as possibilidades de formação que a ilha oferecia nos primeiros anos do século XX.

1-Fábio Mendes (F.M.) – Fale-nos, por favor, sobre a formação académica e musical da sua mãe.

Leopoldo Moniz (L. M.) – A minha avó pertenceu ao grupo de raparigas da sua geração com uma formação mais completa, fazendo a sua formação cultural num colégio na cidade de Angra do Heroísmo. Aqui aprendeu francês, piano, cultura geral e labores (rendas, pintura, colagens, etc). Teria ela entre 12 a 14 anos. Neste Colégio feminino estudou, em regime de internato, durante três anos. Deslocou-se, portanto, de propósito para aquela cidade para fazer esta formação, deslocando-se à sua terra natal para férias estivais. A minha mãe, Maria Carmina de Vasconcelos Moniz, por seu, turno, recebeu lições de piano de um professor micaelense, esporadicamente a residir na Graciosa, provavelmente um funcionário do Estado com algum conhecimento musical. Posteriormente, recebeu lições de música, enquanto organista, de um reverendo padre que parouquiu em São Mateus, nos últimos anos do século XIX. A título de curiosidade, a minha mãe tinha três irmãos e duas irmãs. Os três irmãos fizeram percurso académico em Coimbra (João, Carlos, e Manuel da Cunha Vasconcelos Júnior). Antes das férias estivais faziam paragem obrigatória na casa Sassetti em Lisboa onde adquiriam as partituras que as manas estudariam durante o Inverno a fim de as apresentar aos manos nas férias do Verão seguinte. Sabe-se por referência em jornal da época que em 1910 se apresentou no harmónio, na Ermida de Nossa Senhora da Guia, numa celebração de Missa Solene. Recebeu grande influência da sua mãe, senhora de fino trato, que lhe proporcionou uma vasta cultura geral.

2-F. M. – Existia na Graciosa alguma escola de música nessa altura, escola onde se pudesse estudar piano?

L. M. – Não havia propriamente uma escola oficial de música, havia sim, grande envolvimento através dos membros da igreja que se dispunham no campo da liturgia musical a ensinar música com o objectivo de ingressar na capela ou no grupo de coral. Neste período existia já a Escola de Música da Sociedade Filarmónica União Praisense (fundada em 1889). Porém, com uma preparação específica para futuros elementos que constituiriam a banda.

3-F. M. – A sua mãe dispôs desde de criança de um instrumento apropriado para a sua aprendizagem?

L. M. – A minha mãe tinha piano em casa. E também guitarra. Em casa também existiam bandolim e violino. A minha mãe simplesmente tocava piano e guitarra, instrumento este no qual executava durante o período de Verão (mês de Agosto) na Quinta da Boavista, o Fado de Coimbra, por influência dos manos que lá estudaram.

4-F. M. – Esse instrumento ainda existe?

L. M. – O piano está na posse de uma sobrinha de Maria Carmina, Maria de Lourdes Moniz, sua aluna dilecta.

5-F. M. – Que idade tinha a sua mãe quando se apresentou ao público pela primeira vez? Em que circunstâncias aconteceu isso?

L. M. – Que eu tenha conhecimento a sua apresentação ao público fez-se na referida Missa Solene. Mas possivelmente já tocava em casa nas reuniões familiares.

6-F. M. – Os ascendentes da sua mãe tiveram igualmente formação musical? Também tocavam piano?

L.M. – Sim. E além disso tinham muito gosto e interesse pela música. O irmão do meu avô, António da Cunha Vasconcelos, foi sócio-fundador e executante da banda da Sociedade Filarmónica União Praiense.

7-F. M. – O piano era o instrumento das meninas naquela época. E os senhores da família, aprendiam algum instrumento?

L. M. – Os elementos masculinos, apesar de conviverem de perto com a Música, não tinham propriamente uma formação musical. O meu tio João da Cunha Vasconcelos, formado em Farmácia na Universidade de Coimbra, tocava guitarra por ouvido. Seu irmão, Manuel da Cunha Vasconcelos Júnior foi elemento do Orfeão Académico de Coimbra e possuía uma cultura musical vasta. Com ele, assisti a espectáculos de ópera em Lisboa e a peças de teatro também em Lisboa.

8-F. M. – A sua mãe fazia referência a outros indivíduos da sua geração que tiveram igualmente formação musical?

L. M. – Sim. Havia um grupo de senhoras da Graciosa da geração da minha mãe que se destacaram ao piano naquela época designadamente: Palmira Mendes Enes, Estela Lima, de quem recebi aulas de dança de salão, e outras.

Através das questões seguintes debruçar-nos-emos sobre o papel social do piano e os contextos em que se ouvia o piano.

9-F. M. – Que papel desempenhava o piano na vossa casa? E que papel desempenhava, em concreto, o piano na vida da sua mãe? Ou por outras palavras, em que contextos se ouvia o piano na vossa casa?

L. M. – Na nossa casa ouvia-se o piano no dia-a-dia. A minha mãe era uma devota do piano, passando largas horas a tocar, desde repertório a exercícios técnicos. Em ocasiões especiais, com eram, por exemplo, as visitas de cortesia, o piano também marcava presença. A minha mãe tocava sobretudo durante a manhã. À noite, já o meu pai tinha recolhido aos seus aposentos, era eu quem escolhia as peças musicais e de seguida recostava-me no sofá a ouvi-las interpretadas pela minha mãe, que tinha uma forma de interpretação muito peculiar - os seus gestos eram muito sóbrios e a minha impressionava-me muito a utilização dos pedais.

10-F. M. – E fora de casa, a sua mãe apresentava-se publicamente tocando piano? Em que espaços e em que ocasiões?

L. M. – A minha mãe acompanhou alguns espectáculos teatrais onde, além do acompanhamento das vozes, interpretava a solo em jeito de *intermezzi* repertório muitas vezes de carácter erudito, contrastando com o repertório ligeiro próprio das comédias teatrais. A minha mãe desempenhou igualmente durante talvez quatro décadas a função de organista em São Mateus, função da qual tinha muito orgulho.

Alguns dados referentes a repertório e gosto musical.

11-F. M. – Vamos falar um pouco de repertório e também do gosto musical da sua mãe. Que tipo de repertório interpretava ela em espaços privados – em casa – e que tipo de repertório interpretava em espaços públicos?

L. M. – A minha mãe não tinha um compositor preferido. Todavia, gostava das Valsas de Chopin, da obra para piano de Beethoven e de Schubert. Não gostava propriamente de repertório muito alegre. Mas, para variar, recorria com agrado ao repertório espanhol de Falla, Albéniz e Granados. Apreciava muito a obra de Albert Ketelby nomeadamente “Num mercado persa”. Também fazia incursões pelo repertório jazzístico designadamente Henry James e Goodman. Mas estas últimas apenas em contexto privado.

12-F. M. – Falando em repertório, como fazia a sua mãe para ter acesso ao repertório que lhe interessava?

L. M. – Primeiro tinha o privilégio de receber em mão as partituras compradas na casa Sasseti e outras pelos irmãos. Também herdou muitas partituras da sua mãe. Ela própria copiava música de terceiros que gostava de ter no seu acervo. Também eu lhe comprava em Lisboa algumas partituras consagradas.

O piano entre o domínio do amador e do profissional.

13-F. M. – A sua mãe encarava o piano como profissão ou como passatempo?

L. M. – Como passatempo, embora transmitisse os seus conhecimentos aos alunos que esporadicamente lhe solicitavam aulas de piano. Também no domínio da música sacra passava conhecimentos musicais aos elementos da capela da Matriz de São Mateus.

14-F. M. – A sua mãe alguma vez tocou piano fora da Graciosa? Em contexto privado ou público?

L. M. – Em contexto particular e familiar, em Lisboa, durante a sua estadia a partir de 1967.

15-F. M. – Desculpe a minha falta de pudor, mas o objectivo é traçar o perfil dos pianistas graciosenses durante a Primeira República – a sua mãe recebeu ou recebia alguma remuneração pela actividade musical que desempenhava?

L. M. – Eu suponho que enquanto organista receberia proporcionalmente sempre que era solicitada uma Missa com Coro. Mas não tenho a certeza disso, confesso.

Sobre a relação pianista-público-pianista.

16-F. M. – Qual a relação da sua mãe com o público? Sentia-se à vontade quando tocava em público? Sentia-se pressionada?

L. M. – Sentia-se à vontade e até gostava de tocar com público. Sei que ela se preparava muito para qualquer intervenção. Sabemos que dos músicos mais antigos da ilha, ao saberem de antemão que Maria Carmina seria organista em determinada missa na Matriz de São Mateus, nomeadamente com alguma intervenção a solo, estes deslocavam-se de vários pontos da ilha com o único propósito de apreciarem a interpretação correcta das peças ou excertos de peças que Maria Carmina iria apresentar.

17-F. M. – E qual a relação do público com a sua mãe? Era acarinhada pelo público? Criticavam nela algum aspecto em especial, por exemplo, o seu gosto musical, a forma de interpretação?

L. M. – Perante um público mais familiar e local apresentava um repertório erudito e também ligeiro ou popular. Porque de facto, o repertório predilecto de Maria Carmina era o repertório erudito. Porém, tendo conhecimento que nem todo o público o apreciava ou entendia, interpretava algumas vezes textos de carácter ligeiro. Sei que quando acompanhava pequenas encenações teatrais tocava a solo durante os *intermezzi* e aproveitava sempre para satisfazer o seu gosto pessoal, apresentando peças de carácter erudito, o que por vezes podia fugir um pouco ao contexto. Embora entre o público houvesse sempre indivíduos com preparação e conhecimento que muito a apreciavam.

18-F. M. – Tem memória da sua mãe evocar algum episódio mais bizarro relacionado com as suas actividades musicais?

L. M. – Lá em casa dos meus avós todas as três filhas tocavam piano. Os três filhos que prosseguiram estudos superiores em Coimbra, ao regressar para férias de Verão, ouviam as manas a interpretar as peças que anteriormente lhes haviam deixado para estudo. Acontece que uma das manas da minha mãe, culturalmente expedita, no acompanhamento da mão esquerda deturpava bastante a verdade da pauta. Episódio que o mano mais apreciador, antigo membro do Orfeão Académico da Universidade de Coimbra, comentava – “oh mana, estás a assassinar essa música!”.

19-F. M. – E em relação ao gosto do público - a sua mãe alguma vez fez referência ao gosto do público da sua adolescência? Ou alguma comparação entre o tempo da sua mocidade e o da vida adulta?

L. M. – Nas missas solenes cantadas o coro procurava responder com certa mestria e correcção. Daqui se deduz um certo culto da perfeição, o que consubstancia uma procura do profissional.

20-F. M. – Havia consonância entre o repertório que a sua mãe gostava de interpretar e o repertório que o público gostava de ouvir?

L. M. – Havia ao fim e ao cabo dois públicos – um para a música ligeira e outro para a música erudita.

21-F. M. – **Recorda-se de alguma confiança da sua mãe face à obrigação de ter de tocar alguma peça que não seria do seu agrado?**

L. M. – Pelo que ainda resta do espólio musical da minha mãe e pelo conhecimento pessoal sei que ela preferia o repertório de carácter erudito. No entanto, isso não impedia que apreciasse certa música ligeira.

O lado profissional da pianista.

22-F. M. – **Que actividades desempenhou a sua mãe enquanto pianista?**

L. M. – Foi professora de piano a título particular e organista na Paróquia de São Mateus.

23-F. M. – **Sabemos que foi professora de piano. Dava aulas em alguma escola? Em que período desempenhou essas funções?**

L. M. – Dava aulas a título particular, como já foi dito atrás. Deu início a esta actividade depois do seu casamento nos finais dos anos 20 do século passado, actividade que se prolongou até 1965. A título de curiosidade, a sua última discípula foi a sua neta, Paula Elsa.

24-F. M. – **A sua mãe alguma vez se lamentou por não ter sido uma pianista a tempo inteiro ou por não ter tido oportunidade de prosseguir estudos fora da Graciosa?**

L. M. – Não. Atendendo à época e à proporção dos recursos existentes as suas aspirações não foram além da Graciosa. Sempre se mostrou satisfeita e feliz.

F. M. – **Sr. Moniz, os meus agradecimentos pela sua gentileza e atenção.**